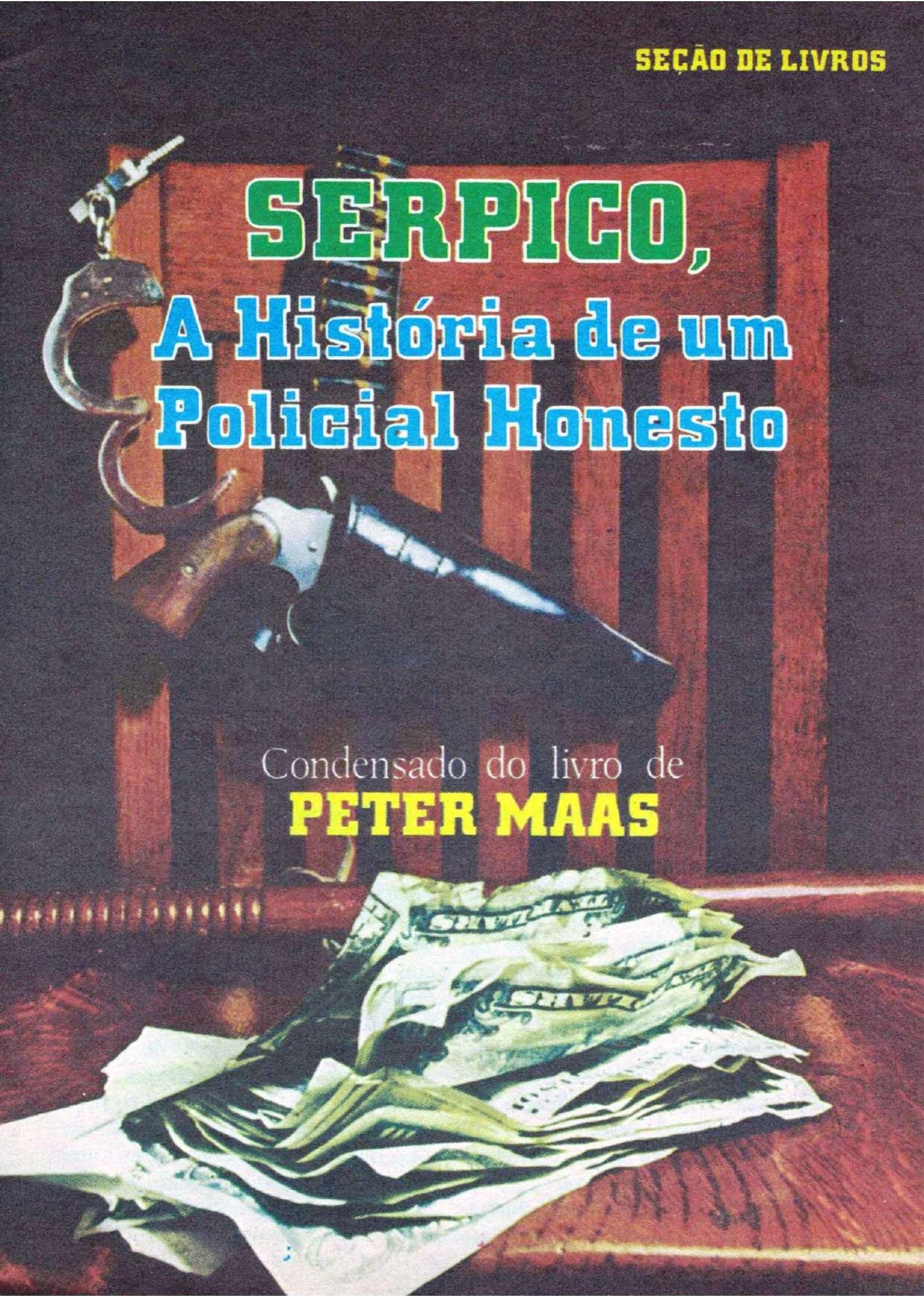


SEÇÃO DE LIVROS



**SERPICO,**  
**A História de um**  
**Policial Honesto**

Condensado do livro de  
**PETER MAAS**

Frank Serpico mal podia acreditar no que ouvia. Em seu trabalho, ele estava sempre exposto ao perigo, a situações que ameaçavam a sua vida. Mas, no escritório de um de seus superiores, pensou que estava a salvo. Tinha informações secretas que poderiam afetar de forma vital seu trabalho e o dos colegas. Enquanto seu superior o olhava, do outro lado da escrivaninha, sabia que, se insistisse no assunto, poderia acabar morto, assassinado pela própria polícia.

# SERPICO, A História de um Policial Honesto

**PETER MAAS**

**F**RANK SERPICO é um homem baixo, musculoso, barbudo e com uma farta cabeleira que lhe toca o ombro. Vejo-o caminhando, com o auxílio de uma bengala, em direção à entrada de um hotel elegante em Manhattan, usando sandálias de couro, uma camisa de gola olímpica, de linho branco ordinário, jaqueta de couro e calças de veludo marrom, com boca larga. A hostilidade do porteiro do hotel, resplendente em suas luvas brancas e no uniforme verde, com botões dourados, é imediata e evidente. Seu nariz funga

com desdém: ele, claramente, não gosta nada do que está vendo.

Imagino como teria reagido o porteiro se soubesse que, dentro da bengala na qual Serpico se apóia, há uma espada de 75 centímetros com uma lâmina bem afiada, ou que sob a sua jaqueta se aninha uma pistola Browning automática, de quatorze tiros, calibre nove milímetros, pronta para funcionar.

No bar do hotel, Serpico pede um *Bloody Mary*, com um talo de aipo dentro. A garçonete, uma loura vistosa, diz contrariada: «Aipo? Nunca ouvi ninguém falar nisso.»

«Devia experimentar», diz Serpico. «Cura todas as doenças.» Olha diretamente para a garçonete enquanto fala. Serpico, 35 anos, não é bonito segundo os padrões convencionais. Mas seus olhos castanho-escuros dançam, e o efeito sobre a garota é mágico. Ela sorri, corando, e diz: «Oh, está bem! Acho que vou experimentar.»

Serpico, que bebe moderadamente, recusa um segundo Bloody Mary. Viera ao centro de Manhattan consultar seu médico, devido a um ataque de flebite — por isso mancava. Agora está de volta a seu apartamento, e decide acompanhá-lo.

Serpico mora no Greenwich Village, um distrito na parte sul de Manhattan, há muito famoso por ser uma comunidade de artistas, boêmios e não-conformistas, a uns três quarteirões das docas do Rio Hudson. Um edifício de cinco andares está caindo aos pedaços. O apartamento é pequeno e escuro, mas tem uma lareira que funciona e um quintal.

Serpico é uma figura familiar na vizinhança e, enquanto caminhamos pela calçada, é cumprimentado como um político passando em revista o seu eleitorado. Quase todos que encontramos o chamam de «Paco», que corresponde a Frank em espanhol. Serpico ganhou o apelido há vários anos, quando começou a ir muito a Porto Rico, entre outras razões, para melhorar seus conhecimentos de espanhol. Além de italiano e espanhol, que fala fluentemente, faz-se entender

em francês e alemão, e ainda se lembra um pouco do japonês que aprendeu no exército.

Por muito tempo, nenhum vizinho soube quem era Serpico. Considerando o estilo de vida e atitudes dos moradores do Village (quase todos jovens e, geralmente, contra o Sistema) é curioso observar, agora que sabem ser ele o Detetive de Terceira Classe Frank Serpico, distintivo n.º 761, do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York, que isso não faz nenhuma diferença.

Se os amigos de Serpico no Village ficaram, a princípio, surpresos por esta revelação, seus colegas na polícia igualmente se desconcertaram com uma notícia de natureza diferente, e da qual até hoje não se refizeram. Serpico (aparentemente um *hippie*) cometera um ato imperdoável nos círculos policiais. Tendo jurado solenemente manter a lei, decidira exatamente isto: fazê-la cumprir, contra *todos* (e não apenas contra *todos exceto* outros policiais). Ele não tolerava «bolas», subornos, extorsões, e se recusava a mudar de atitude.

Foi o primeiro policial, na história do Departamento de Polícia, que, não só denunciou a corrupção em suas fileiras, mas que se apresentou voluntariamente para testemunhar sobre isso em juízo. Tomou essa atitude depois de uma solitária luta de cinco anos, na qual fora repetidamente rechaçado em suas tentativas para fazer com que os políticos e policiais graduados tomassem uma atitude contra a

corrupção, enquanto corria o risco de poder ser descoberto a qualquer momento pelos policiais desonestos com quem estava em contato todos os dias. Finalmente, em desespero, dirigira-se a um jornal com sua história, e isto fez surgir uma confusa sucessão de casos correlatos.

O Chefe de Polícia demitiu-se de repente. Uma série de processos e acusações criminais contra a polícia foi anunciada, e o chefe de uma comissão federal, empreendendo sua própria investigação, declarou que havia descoberto «pagamentos a policiais em larga escala» de mais de 25 mil dólares. Vários policiais que recebiam «bola», apanhados com a boca na botija, admittiram a corrupção profundamente infiltrada: só o suborno, em uma seção do Departamento de Polícia, atingia quatro milhões de dólares por ano. Finalmente, autoridades municipais e policiais confessaram sob juramento que, a despeito das denúncias específicas trazidas a eles por Serpico, nenhuma atitude tomaram.

À proporção que esses fatos se desenrolavam, e o papel de Frank Serpico se tornava conhecido, ele passou a ser, para muitos policiais, um homem temido... e odiado. Um dia, no tribunal, ele estava sentado ao lado de um jogador que havia prendido. O jogador virou-se para ele, e calmamente advertiu-o: «Ouça, sabe que eles vão tomar conta de você?»

«Quem?», perguntou Serpico.

«Sua própria gente.»

«Que quer dizer com minha própria gente? São os italianos?»

«Não», respondeu o jogador. «Os tiras!»

### Um senso de valores

MARIA GIOVANNA Serpico é uma senhora robusta, loquaz; com pouco mais de um metro e meio de altura. De seus quatro filhos (três rapazes e uma moça) Frank é o mais novo e o único ainda solteiro. Aos domingos, em seu apartamento no Brooklyn, ou em casa de sua filha, ela tradicionalmente preside um jantar de família que consiste em quantidades espantosas de comida. Só pelo tom áspero de suas palavras, «O que há, não está gostando?», um visitante incauto não tem saída, à proporção que vão chegando pratos e mais pratos, cada qual uma refeição completa, acompanhados por garrafas de vinho que o próprio pai de Frank costuma fazer todos os anos em sua própria adega.

Vincenzo Serpico é tão reservado quanto sua mulher é franca. Homem fisicamente pequeno, mas com dignidade no porte, é sempre ouvido respeitosamente por Frank. Hoje aposentado, trabalhou desde os nove anos, quando era aprendiz de sapateiro na Itália e, embora criado num mundo diferente, Frank admira profundamente o pai como um homem de espírito independente, sem pretensões, perito artesão em seu ofício, e que sempre demonstrou grande orgulho por seu trabalho.

Os apologistas da Máfia nos Estados Unidos gostam de chamar a atenção para o meio hostil que os imigrantes italianos enfrentavam na América, para a necessidade que tiveram de se unir e de se amparar nos velhos hábitos para sobreviver, e para o mito, por exemplo, de que determinado contrabandista teria tido o mesmo êxito que um respeitável homem de negócios, se não fosse discriminado por questões étnicas e se as oportunidades não lhe fossem negadas. Mas Vincenzo e Maria Giovanna Serpico tinham escolhido outro caminho, e estipulado valores que transcendiam qualquer consideração étnica: frugalidade, caráter, independência, auto-respeito.

Quando Frank tinha treze anos, começou a engraxar sapatos na loja de seu pai, nas manhãs de domingo, depois da missa; e, durante a semana, depois das aulas, trabalhava para um vendedor de rua. Era obrigado a entregar seus rendimentos à mãe, que, de volta, lhe dava uma pequena mesada. A princípio, ficou satisfeito com a idéia de contribuir, como pensou, para o patrimônio doméstico, mas, pouco depois, começou a ressentir-se da maneira forçada como isto vinha sendo feito. Então, quando completou dezessete anos, e estava na idade de prestar o serviço militar, sua mãe lhe entregou uma caderneta de poupança aberta em seu nome quatro anos antes, com todo o dinheiro e os juros acumulados.

Vincenzo Serpico e Maria Gio-

vanna tinham se casado em 1925, numa vila perto de Nápoles, onde foram criados. Dois anos depois, decidiram ir para a América. Maria Giovanna tinha, na realidade, nascido em Ashtabula, Ohio, voltando à Itália ainda com dois anos. Na ocasião em que deveriam embarcar, no entanto, os documentos de Vincenzo não estavam prontos. Os Serpicos foram informados de que Vincenzo gozaria de prioridade se a mulher estivesse residindo no país, e por isso ficou decidido que Giovanna seguiria na frente. Estava combinado que um tio, morador em Ashtabula, iria esperar o navio.

A viagem foi uma sucessão de horrores. Maria Giovanna estava grávida de sete meses quando saiu de Nápoles e, na travessia tempestuosa, deu à luz prematuramente. Aportou em Nova York num dia gelado de dezembro, sofrendo forte hemorragia, sem falar inglês e sem ninguém à sua espera; o tio caíra doente no último momento. As autoridades a levaram com o bebê para um hospital, mas a criança morreu. Giovanna permaneceu diversos dias numa enfermaria de caridade, até que alguns parentes distantes que viviam no Brooklyn finalmente deram com ela.

Incrivelmente arrojada, e esperando que Vincenzo em breve se juntasse a ela, foi para o Brooklyn com eles. Em troca de uma cama, lavava e costurava a roupa da família, e foi também trabalhar numa fábrica de doces. Todas as economias eram poupadas. Para não

gastar dinheiro em condução, caminhava diariamente mais de três quilômetros, de ida e volta ao trabalho.

Passou-se um ano antes que ela visse Vincenzo de novo, mas afinal se reuniram, e se mudaram para um apartamento de dois cômodos, sem água quente, no Brooklyn. Vincenzo arranhou emprego numa oficina de sapateiro, mas o sacrifício de seu orgulho era imenso: a única vaga era de engraxate. Em seis meses, no entanto, tornou-se oficial. Permaneceu ali durante seis anos, quando começou a trabalhar por conta própria. Mal conseguiu sobreviver nos primeiros meses, mas, lentamente, os negócios começaram a melhorar e, no ano seguinte, quando Frank nasceu, já havia contratado um ajudante.

Vincenzo construiu uma estufa no quintal, e o menino Frank gostava de se sentar perto dele, nas tardes de domingo, quando o pai cuidava das plantas, tirando baforadas de um charuto preto e ouvindo música no rádio. Uma tarde, quando Frank tinha dez anos, irrompeu pela estufa chorando porque alguns garotos zombaram dele por usar roupas velhas. Seu pai ouviu, e lhe contou então a história de um príncipe que tinha se disfarçado com andrajos para ver como eram realmente os cidadãos de seu reino, e que fora enxotado por eles. Quando o príncipe voltou no dia seguinte, em vestes reais, a gente da cidade que o havia apupado fez reverências e rapapés,

mas ele os despediu sem cerimônia, dizendo-lhes que deviam se envergonhar de si mesmos, por que ele era a mesma pessoa. «Então, você está vendo», concluiu o pai, «o importante não é a aparência de um homem. O que está dentro dele é que conta.»

A história era banal, talvez, mas, para Frank Serpico, é a lembrança mais vívida de sua infância.

### «É meu filho»

NOITE DE 3 de fevereiro de 1971. No apartamento escuro, Maria Giovanna tentava dormir. De súbito, na parede oposta à sua cama, ela percebeu um mágico brilho vindo de um retrato de seus pais, uma espécie de incandescência fantasmagórica, bruxuleante. Não era supersticiosa, mas aquilo pareceu-lhe tão estranho que ela não podia deixar de pensar fosse um presságio. Levantou-se, andou até o quadro, e o examinou confundida. Não encontrou nada. Voltando para a cama, olhou pela janela, para a rua, e parou de repente. Um carro da radiopatrulha estava estacionado junto ao meio-fio, e ao lado dele havia um policial. Um segundo policial varria o prédio com uma lanterna — a fonte do brilho misterioso. Ela já estava correndo para a sala-de-visitas quando a campainha da porta soou. Apertou o botão que abria a porta da rua, e foi para o alto da escada, com sua figura frágil, segurando o roupão em volta do corpo, o cabelo fino e

grisalho parcialmente despenteado.

Na base da escada, um policial com uma lanterna olhou para ela e perguntou: «É a esposa de Frank Serpico?»

O medo que ela vinha tentando dominar a inundou. «Não, ele é meu filho», respondeu. «Que aconteceu? Houve alguma coisa com ele?»

A resposta veio pela escada: «Ele acabou de levar um tiro no rosto.»

Percebendo seu susto, o policial se apressou a lhe dizer que o ferimento não era grave; seu filho tinha sido ferido no braço (o que não era verdade). Tentou evitar que ela fosse ao hospital, mas ela não se deixou convencer. Enquanto o policial saía para acordar Pasquale, o irmão mais velho de Frank, Maria Giovanna acordou o marido. Esperaram até o policial voltar para levá-los ao hospital.

Seu primeiro impulso, quando viu Frank, foi gritar, mas conseguiu se reprimir. Serpico estava deitado de costas, o olho direito parcialmente aberto, fixo numa direção, e o esquerdo inteiramente fechado de tão inchado. Ela podia ouvir sua respiração difícil.

Serpico tinha sido ferido por volta das dez e quinze da noite, durante uma batida policial de narcóticos que fazia com outros colegas. Atravessando a porta de um traficante de heroína, vira um revólver apontado diretamente para ele no interior do antro, talvez a meio metro de distância e, então, simultaneamente, ouviu o estampido que

atroou com um enorme clarão de cores e um calor cauterizante.

A bala atingiu seu rosto. Se o tiro tivesse continuado em sua trajetória, teria atingido a parte superior da medula espinhal, paralisando braços, pernas, bexiga, intestinos e sistema respiratório. Se tivesse feito uma ligeira curva para cima, teria penetrado pela base do crânio provocando morte instantânea.

Como aconteceu, o fato de Serpico ainda estar vivo poderia ser medido pela espessura de um fio de cabelo. A bala, disparada de uma pistola de tiro ao alvo, calibre 22, havia atravessado o seio do maxilar esquerdo (uma das cavidades em cada lado do nariz). Desviou-se então ligeiramente para baixo e para a direita, avançando pela parte de trás do osso maxilar, onde se dividiu em dois fragmentos, dois dos quais bastante grandes, que se alojaram na parte óssea do ouvido esquerdo.

Outro fragmento, depois de ricochetear no osso maxilar, parara a apenas meio centímetro da grande artéria carótida, que sobe ao longo do pescoço, pela qual o coração impulsiona o sangue diretamente ao cérebro. Se a bala continuasse por mais uma distância mínima, ele teria morrido de hemorragia em questão de minutos, no sujo patamar da casa de cômodos onde havia caído.

Um curativo fora colocado no ferimento da entrada da bala. Dois tubos de borracha estavam ligados a uma veia na parte superior do

peito, à direita. Sangue seco se espalhava sobre sua barba, cabelo e peito. Maria Giovanna desejava desesperadamente beijá-lo, mas por causa dos tubos, curativos e do sangue não sabia onde fazê-lo. Finalmente, pegou sua mão e beijou-a. Ele voltou a cabeça e, depois de um movimento dos lábios, a princípio inaudível, murmurou baixo: «Não se preocupe, estou bem.»

O pai e o irmão de Serpico ficaram de pé, rigidamente silenciosos, ao seu lado. Lágrimas corriam por suas faces.

### «Rápida recaída!»

O HOSPITAL fervia de policiais. O novo Chefe de Polícia, Patrick V. Murphy, estava presente. O segundo em comando do Departamento também apareceu, assim como o encarregado substituto do serviço de imprensa, o inspetor chefe, três assistentes de inspetores chefes, quatro inspetores chefes substitutos e vários inspetores e capitães.

A razão dessa afluência era óbvia. Logo que a notícia do tiroteio de Serpico chegou ao quartel-general da polícia, houve o receio de que ele tivesse sido ferido por um de seus companheiros. Mesmo quando se provou que não, restava uma pergunta intrigante. Teria o disparo ocorrido no curso normal do exercício do dever, ou fora Serpico levado a uma armadilha?

Perguntas semelhantes passavam pela mente de Serpico, mas não eram perguntas que pudessem ser

respondidas com provas. Todavia, houve demonstrações reais de como alguns policiais se sentiam a seu respeito. Quando a notícia do tiroteio se espalhou, notas rabiscadas toscamente apareceram em quadros de comunicados em algumas delegacias. Uma pedia contribuições para contratar um advogado que defendesse «o sujeito que atirou em Serpico». Outra solicitava fundos para pagar lições que ensinassem seu agressor a atirar melhor.

Em seu quarto dia no hospital, ele recebeu uma carta, enviada apenas poucas horas depois do tiroteio. À primeira vista, tratava-se de um desses cartões impressos desejando melhoras: «Sare depressa!» Só que alguém riscara o «Sare» e rabiscara no lugar: «Morra».

Poucos dias depois, chegou outro cartão. A mensagem impressa era: «Sinceras condolências.» Abaixo disso, havia uma nota adicional de pesar: «Pena que o tiro não tenha estourado os miolos, seu miserável. Que tenhas uma rápida recaída!»

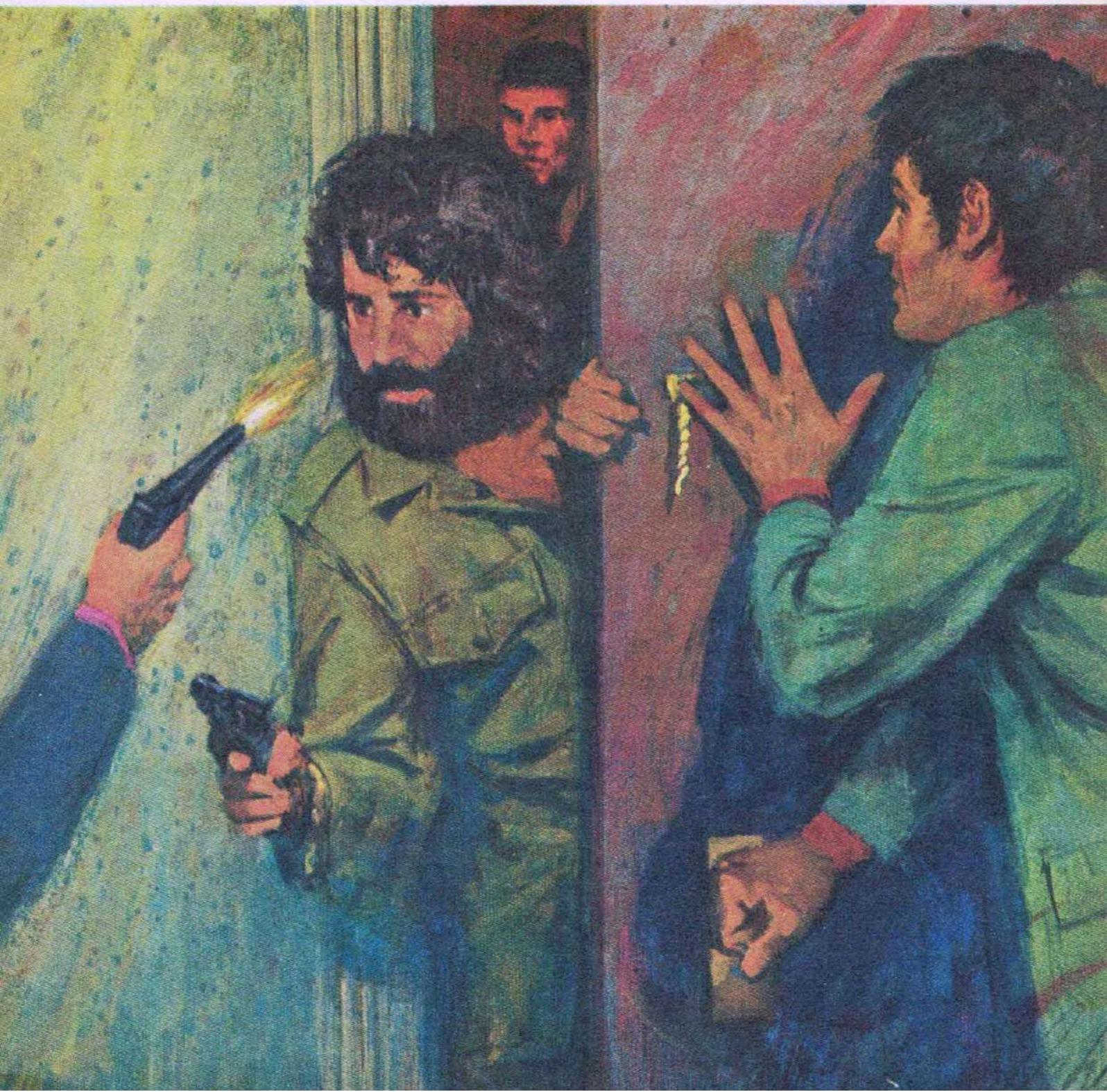
### O «oitenta e um»

FRANK SERPICO sempre desejara ser um policial, e todos os passos importantes que deu na juventude tinham se dirigido àquele dia 5 de março de 1960, quando se formou pela Academia de Polícia. De uniforme, em público, pela primeira vez, sentou-se bem aprumado, enquanto o Chefe de Polícia se dirigia à classe de trezentos recrutas.

Seu papel como um soldado da paz, disseram-lhe, tinha grandes implicações morais, sociais e políticas. Seu comportamento cortês, digno e imparcial, tanto em serviço como fora dele, era de importância fundamental para gerar o respeito pela lei e pelo governo. Esperava-se dele, portanto, que desempenhasse

suas obrigações sob a «filosofia na qual o país fora fundado» — igualdade entre os homens perante a lei, o valor do indivíduo, a dignidade e a integridade de cada ser humano. Serpico acreditou em todas essas palavras.

No dia seguinte, apresentou-se no 81.º Distrito, o «oitenta e um»,



na linguagem dos policiais. O encarregado da chamada lhe deu um mapa do distrito policial, com suas áreas e setores de vigilância, e disse-lhe que os veteranos do distrito lhe dariam «as dicas» no mais que fosse necessário. Quando Serpico saiu da delegacia, em seu primeiro dia de serviço, um policial mais velho o acompanhou, e indagou qual era a sua área.

«É um bom posto, garotão», disse o policial. «Você pode comer na lanchonete. Eles são bons para dar comida de graça.»

Serpico soube logo que havia seis lugares no distrito que ofereciam refeições inteiramente grátis aos policiais ou por um preço simbólico. Em troca, os proprietários esperavam um tratamento especial: ação rápida, sem maiores indagações, no caso de alguém estar causando confusão para o estabelecimento, ou permitir o estacionamento em fila dupla para os fregueses da casa.

Serpico aceitou diversas refeições gratuitas, antes de decidir parar. Sentia-se mal, sentando-se de uniforme a uma mesa, ciente de que não ia pagar, imaginando que as pessoas nas outras mesas o observavam sabendo disso. Era humilhante. Até os proprietários de restaurante, «admiradores» ostensivos da polícia, o tratavam com desdém. E, assim, um dia ele começou a pagar suas refeições, e não aceitou mais favores.

Como policial novato, Serpico foi também apresentado à boa arte de «cochilar», isto é, dormir em

serviço. Alguns guardas de patrulha começavam a «cochilar» logo que o sargento encarregado da ronda fazia a primeira «vistoria», gíria policial que significa a inspeção visual para se certificar de que todos os policiais do distrito estão devidamente em serviço. Isto ocorria geralmente por volta da uma da manhã, e não tornava a acontecer senão às seis.

Numa noite chuvosa de março, em que caía granizo, no seu primeiro turno da meia-noite às oito da manhã, Serpico estava de pé ao lado da caixa-de-chamada quando o sargento passou de carro e disse: «Como estão as coisas, garotão?»

Serpico fez continência e respondeu: «Tudo bem, sargento.»

Talvez uma hora depois, o sargento, voltando para a delegacia, passou de novo por Serpico, encolheu-se sob o granizo fustigante e perguntou: «Ué, você ainda está aí fora?»

«Hem?», perguntou Serpico.

«Pode ir», respondeu o sargento. «Deve estar congelado. Já dei o seu *visto*.»

«Para onde?»

«Bem, há aquela escola ali no próximo posto.»

Por curiosidade, Serpico foi até a escola, e ficou do outro lado da rua pensando no que faria. Reconheceu então o sentinela do posto saindo pelo portão da frente. «Você vai entrar?», perguntou casualmente o guarda da patrulha.

Era tão às claras que Serpico mal podia acreditar. Esperou que

o outro policial tivesse telefonado de sua caixa-de-chamada, e depois o acompanhou de volta à escola até o porão da caldeira. Estava cheio de policiais, alguns em camas de lona, outros esticados em bancos com as cabeças em travesseiros plásticos infláveis, e ainda outros no chão, apoiados em engradados de leite.

Havia diversos lugares nas redondezas para «cochilar»: o saguão de um teatro, o porão da casa de um velho, uma cabana da administração de um parque. Embora Serpico tenha «cochilado» uma ou duas vezes, ele não achava isso favorável ao descanso. Despertadores tocavam durante a noite. Um patrulheiro saltava, corria ao seu posto telefônico para reportar e depois voltava reclamando que estava muito frio.

E assim Serpico deixou de «cochilar», também. Em vez disso, comprou roupa de baixo especial e luvas acolchoadas. Era muito melhor, pensava ele, do que suportar o ar fétido, as interrupções constantes, a dissonância de roncamentos, suspiros e arrotos que eram parte integrante da dormida em serviço. Além disso, havia sempre a possibilidade de que pudesse agarrar um gatuno ou ajudar alguém em dificuldade.

### Educação de um principiante

SOB UM aspecto, o «oitenta e um» estava à altura das expectativas de Serpico. Era um distrito ativo, uma área triangular no Brooklyn, com alto índice de cri-

minalidade: estupros, assaltos, roubos de automóveis e homicídios.

Todavia, a primeira prisão que Serpico fez, como principiante, foi uma desilusão. Pegou um homem em flagrante, saindo de uma loja arrombada, com um aparelho de televisão nos braços. Revistando-o, encontrou uma faca em seu bolso. O rosto do homem era cheio de grotescas cicatrizes de ferimentos a faca.

«Você gosta de cortar as pessoas, hem?», observou Serpico.

Levou o homem à delegacia, e começou a encher a ficha de prisão. A acusação era de arrombar e entrar numa loja, roubo e posse de arma perigosa. As impressões digitais revelaram que o preso cumprira pena de cinco anos por assalto a mão armada de um posto de gasolina, dois anos por assalto e roubo com uma faca, e um ano por simples assalto com faca. Este era seu quarto delito e, na condição de três vezes reincidente, pegaria vinte anos de cadeia. «Você deve estar *na pior*», disse-lhe Serpico, «foi apanhado roubando um aparelho de televisão.»

Cerca de três semanas depois, Serpico apareceu em juízo para um sumário de culpa. Observou o advogado do homem, o juiz e o promotor auxiliar conferenciando. Então, sem acreditar, ouviu as acusações diminuídas para posse ilegítima, um delito insignificante. O homem se confessou culpado, e foi sentenciado a três meses de prisão.

Serpico protestou junto ao auxiliar de promotor, e ouviu: «Você não

quer que ele cumpra uma pena de vinte anos por uma porcaria de um aparelho de televisão, quer?»

«Mas, e a faca... e se ele, por acaso, tivesse tentado esfaquear alguém?»

«Sim», disse o promotor auxiliar. «Mas ele não fez isso.»

Como patrulheiro uniformizado, Serpico estava limitado a evitar o crime ou prender criminosos em flagrante. Qualquer coisa além disso (investigar pistas, seguir indícios, descobrir um suspeito) era feita por detetives. Essa circunstância propiciou outra lição ao jovem policial, ainda principiante.

Certa noite, quando Serpico substituíra um homem da radiopatrulha que estava doente, ele e seu companheiro descobriram uma mulher sendo assaltada e violentada por quatro jovens no quintal escuro de uma escola. Todos, menos um, escaparam. Este foi levado à delegacia, e positivamente identificado pela mulher. Entretanto, recusava-se obstinadamente a dar os nomes dos companheiros, embora tivesse sido «trabalhado», ao ponto de desmaiar, por um detetive conhecido como «Cassetete» (pelo seu uso entusiástico desse instrumento policial forrado de couro).

Como agente que o prendera, Serpico pegou o delinqüente de manhã para levá-lo a juízo. Em vez de continuar o tratamento abusivo, Serpico levou o jovem a um café para um desjejum, e depois começou sutilmente a «trabalhar» em seus nervos. Fez-lhe ver que seus três amigos iam ficar em liberdade.

Provavelmente estavam rindo dele naquele momento. «Sabe o que pode sofrer por isso?», indagou.

Com isto, o jovem detido acabou cedendo, dando o nome dos cúmplices. Serpico telefonou para a sala do esquadrão de detetives com a informação, mas soube então que o caso era de «Cassetete», e que ele estava de licença por dois dias.

«E então?»

«Bem, que posso fazer? Não é meu caso, você sabe.»

Para o diabo com eles, pensou Serpico, e, com o auxílio de outro patrulheiro, descobriu e prendeu mais dois suspeitos. Enquanto fazia o relatório do caso, percebeu que algo estava errado; a sala do esquadrão se tornara muito silenciosa. Finalmente, um detetive o informou: «O caso é nosso, meu chapa, e nós é que temos de efetuar as prisões. Não fica bem (entende o que estou querendo dizer?) você estar agora querendo passar a gente para trás.»

Serpico, aborrecido, recusou. «Eu fiz as prisões e respondo por elas.»

O detetive suspirou, e disse que teria de telefonar para o tenente. Quando o tenente chegou, chamou Serpico a seu gabinete, e pediu que lhe mostrasse seu livro de ocorrências. Esse livro, na prática, é um diário do policial, das ocorrências em seu posto. Deve ser mantido, teoricamente, atualizado, mas Serpico ainda não havia anotado o caso. «Ah!», disse o tenente, registrando no relatório. «Não há anotação no livro de ocorrências.»

«Que está querendo me dizer»,

indagou Serpico, «que não efetuei as prisões desses delinqüentes?»

Seria isto então uma «queixa», ou uma acusação de que Serpico quebrara o regulamento. O resultado final seria um julgamento pelo departamento, o equivalente de uma *corte marcial* no exército.

«Está bem», disse Serpico. «Pois registrem as capturas nas folhas de serviço de vocês» — e saiu.

A educação de Serpico, como policial, no 81.º Distrito, incluiu também o seu primeiro contato com o suborno. Ele estava novamente substituindo um dos homens da radiopatrulha, quando viu um carro avançando o sinal. Encostou o carro, e pediu a carteira do motorista. O homem estava fora de si. Disse a Serpico que não vira o sinal mudar até já estar a meio caminho no cruzamento. Era um vendedor que dependia do carro, já tinha diversas violações em sua carteira e, se recebesse outra multa, perderia a licença com toda a certeza. «Pode me facilitar?», pediu ele.

De fato, o carro não tinha avançado descuidadamente o sinal, e Serpico estava a ponto de deixar o motorista ir com uma admoestação quando o homem disse: «Olhe, vale 35 dólares se eu não pegar uma multa.»

Serpico voltou ao carro-patrulha, e disse ao companheiro: «O sujeito quer me dar 35 dólares. Vou prendê-lo por tentativa de suborno.»

«Entre no carro», disse o companheiro, tentando remediar a situação. «É melhor eu cuidar disto.»

Em um minuto ou pouco mais, o homem partiu, e o companheiro de Serpico voltou ao carro. «Tem troco?», indagou. «Vamos dividir, metade para cada um.»

Serpico recusou, e seu companheiro, agradecido, guardou o dinheiro no bolso.

Quando se refez do choque inicial, Serpico tentou racionalizar o que havia acontecido. Afinal, quando criança, tinha visto policiais se servindo de frutas nos mercados da vizinhança, e todo mundo achava isso muito natural. O incidente do tráfego foi apenas um prolongamento da mesma atitude. Além disso, foi o homem do carro (o público, podia-se dizer) quem fora o verdadeiro corruptor. Enfim, o mais importante, disse Serpico para si próprio, era que *ele* não ficara com o dinheiro.

Alguns policiais recebiam suborno, outros não. Era uma decisão pessoal que todo principiante tinha de tomar. A escolha, entretanto, se limitava a participar, ou a olhar para o outro lado. Denunciar o colega que recebera a «bola» quebraria o código do policial.

### Um envelope do «judeu Max»

SERPICO passou dois anos no 81.º Distrito. Depois, foi transferido por algum tempo para um trabalho de gabinete na Divisão de Identificação Criminal, voltando finalmente ao serviço de ronda no 70.º Distrito. Sua ambição agora era a de se tornar um detetive, mas

o departamento tinha adotado uma norma nova, exigindo que, primeiro, o policial passasse, pelo menos, quatro anos no serviço à paisana.

Isso preocupava Serpico. Era sabido que recompensas e vigarices faziam parte da vida do policial à paisana. A atitude era tão propalada que, quando um policial civil fazia uma prisão de jogadores, esperava-se que ele desse cinco dólares ao sargento em serviço na delegacia e, pelo menos, um dólar ao escrevente, para expedir os papéis, na presunção de que o policial civil estava enriquecendo com os subornos e devia espalhar dinheiro à sua volta.

Más não havia outro meio de chegar a detetive. Com a recomendação de seu superior, Cap. Joseph Fink, Serpico foi aceito na escola de polícia civil e, no começo de 1966, tendo terminado o curso, juntou-se ao esquadrão de policiais civis do 90.º Distrito da 13.ª Divisão.

Como novo funcionário, Serpico se encarregava da maioria das cartas que chegavam à delegacia. Muitas delas acusavam a polícia de suborno e vigarice, e cada uma exigia uma investigação para o registro. Era considerada uma tarefa sem importância, obviamente, mas Serpico seguia cada queixa diligentemente, tanto que, um dia, um sargento lhe disse: «Olhe, Frank, você não tem de se matar por estas coisas.»

«Por que não?», indagou Serpico.

Daí em diante, houve certa tensão, tão real quanto indefinível, entre ele e o colega, e Serpico sempre

se recordaria disso como a época em que tudo começou, quando tudo principiou a ir mal, e parecia não haver jeito de voltar atrás.

Pouco depois, aconteceu uma coisa estranha. O verão de 1966 foi um período de agitação nos bairros pobres de Nova York e, quase no fim de julho, todos os policiais à paisana tiveram ordem de vestir o uniforme para serviço temporário contra agitações.

Foi explicado a eles que não estavam sob o regulamento normal de um policial em seu posto, tal como telefonar a cada hora. Mas, inexplicavelmente, poucos dias depois, um capitão apresentou queixa contra Serpico por estar fora do posto. De fato, ele estava numa lanchonete com outro policial, tomando uma soda, quando apareceu o capitão. Os dois homens foram imediatamente para a rua, e o capitão assinou seus livros de ocorrências. O outro policial não foi mencionado na queixa.

Serpico telefonou para um inspetor de divisão, que confirmou a existência da queixa e pediu uma explicação sobre o assunto.

«Estou guardando isto para o julgamento», disse Serpico. «Alguém está tentando me prejudicar, e acho que sei por quê.» A queixa, se comprovada, podia fazer com que Serpico fosse afastado do serviço à paisana, terminando para sempre sua oportunidade de se tornar detetive.

Alertado pela rebeldia de Serpico, o inspetor aconselhou-o a não agir

com precipitação sem ponderar bem. No dia seguinte, o inspetor o procurou, e disse que se encarregara da queixa. Serpico podia pagar o favor, acrescentou ele, dando-lhe alguma coisa pelo Natal.

Então, poucos dias depois, a coisa aconteceu — e, mesmo que o quisesse, Frank Serpico já não podia seguir sua própria orientação.

Todos os dias, os policiais civis uniformizados, em serviço contra tumultos, eram dispensados na garagem do prédio da 13.<sup>a</sup> Divisão. Serpico estava saindo da garagem para seu próprio carro, estacionado na rua, quando um guarda negro se dirigiu a ele, perguntando: «Serpico, não é?»

«Sim, sou eu.»

Ele entregou um envelope branco a Serpico: «É do judeu Max.»

Judeu Max, descobriu Serpico a seguir, era um jogador muito conhecido, que operava na zona. «Que faço com isto?»

O policial olhou para ele, perplexo: «Faça o que quiser.»

Serpico continuou até seu carro. Quando estava ao volante, olhou de novo para o envelope grosso. No canto esquerdo superior, um número tinha sido riscado e outro (300) escrito abaixo. Abriu o envelope, e viu um rolo grosso de notas velhas de dez e vinte dólares. Totalizavam trezentos dólares.

### Duas alternativas

SENTINDO-SE culpado, como se estivesse sendo observado, Serpico

meteu o envelope dentro da camisa e voltou à Delegacia do 90.<sup>o</sup> Distrito. Tirou o uniforme, e pôs o dinheiro em seu armário individual.

Não sabia para onde se virar. Aquilo não era uma «bola» de multa de tráfego ou fraude insignificante. Já acabara o tempo em que tudo era apenas boato. Por acaso, ou de propósito, um confronto que ele temia lhe havia sido imposto. Tinha de fazer algo, mas o quê?

A atividade contra a corrupção do Departamento de Polícia era da responsabilidade do segundo homem em comando, John F. Walsh, Primeiro Chefe de Polícia Substituto, uma figura temida e arrogante. Tentar chegar a ele seria o mesmo que um soldado raso do exército pedir audiência ao Chefe do Estado-Maior. Por quantos intermediários teria de passar, explicando por que desejava ver Walsh? Depois das pressões das últimas semanas (até um inspetor lhe pedira um presente no Natal) ele não confiava em quase ninguém.

Entretanto, tinha de confiar em alguém, e, mais tarde, naquela noite, decidiu pedir conselho a um policial civil que estivera com ele na escola de polícia civil. Seu nome era David Durk. Naquela época, David estava lotado no Departamento de Investigações, órgão ligado diretamente ao Prefeito, e tinha autoridade para fiscalizar as atividades de qualquer repartição municipal.

Aos 31 anos, a mesma idade de Serpico, Durk havia se formado pela Universidade Amherst, e tinha

muitos contatos importantes, como sempre dizia, na administração do Prefeito John V. Lindsay, recentemente eleito. Durante o curso na polícia civil, Serpico discutira constantemente o problema da corrupção policial com Durk, e este conseguiu exprimir com facilidade e convicção o que estava «fervendo» dentro de Serpico: que a corrupção florescia porque as pessoas de alta posição no Departamento a toleravam, e porque essa mesma liderança corrupta dava pouca importância ao fato de que ser um policial significava *servir e ajudar* os outros.

Através de suas ligações políticas, Durk tinha ajudado a conseguir a nomeação do Capitão Philip Foran para chefe do esquadrão de polícia do Departamento de Investigações. Agora, Durk dizia a Serpico que Foran era exatamente a pessoa a ser procurada. Tinha experiência, compreenderia de imediato a situação, e saberia exatamente como prosseguir.

Serpico tinha dúvidas. Disse a Durk ter ouvido, em alguma parte, que Foran era um antigo policial civil, e isso não o recomendava. Durk replicou que Foran era honesto e que confiava nele.

Serpico finalmente concordou, e Durk arranjou um encontro no escritório de Foran. Ao ver Foran pela primeira vez, Serpico se surpreendeu com sua notável semelhança (exceto pela estatura, de cerca de 1,73 m) com John F. Kennedy.

Depois de algumas preliminares de Durk, Serpico contou a respeito

dos rumores que ouvira sobre os policiais à paisana e de sua hesitação em entrar para esse serviço. Foran pareceu atônito. Interrompeu para dizer que, embora soubesse que essa espécie de coisa já havia acontecido antes, não sabia que ainda estava acontecendo.

Serpico, a seguir, relatou sobre a queixa infundada contra ele e as palavras do inspetor. Depois, mencionou o que sucedera na garagem. Enquanto falava, entregou o envelope com o dinheiro a Durk, que o deu a Foran. Foran deu uma olhadela e o devolveu.

Então Foran começou a falar, com voz áspera e autoritária. Serpico, disse ele, tinha duas alternativas. Poderia, é claro, insistir na questão, se desejasse. Isso significava que Foran teria de levá-lo a Arnold Fraiman, o Chefe do Departamento de Investigações. Fraiman o levaria diante de uma comissão de investigação, e logo todos ficariam cientes do que Serpico estava fazendo. «Quando tudo tiver terminado», disse Foran, «eles o encontrarão morto no rio.»

Foran fez uma pausa. A outra alternativa, disse, era esquecer que tudo aquilo tinha acontecido.

Serpico ficou sentado, sem falar. Uma sensação desconfortável inundou seu corpo. Estava terrivelmente confuso e embaraçado. Não podia acreditar no que acabara de ouvir, exatamente de quem Durk assegurava ser o homem que lideraria a investigação. Estava ficando maluco? Foran não podia real-

mente ter dito o que dissera. Mas ali estava Foran, olhando-o calmamente, do outro lado da mesa, interessado em ouvir uma resposta.

Tudo o que Serpico desejava agora era sair daquele escritório o mais depressa possível. Quase mecanicamente, disse: «Está bem, acho que vou esquecer tudo, mas que farei com o envelope?»

«Isso é com você», lembra-se de ter ouvido Foran dizer.

A conversa se tornara irreal, e todo o propósito do encontro tinha sido esquecido. Serpico ainda estava sentado, mas sua cabeça girava como se sofresse uma vertigem. «Acho que vou dá-lo ao sargento», disse afinal. Foran concordou que era uma boa idéia. Seu tom era confortador, paternal. «Dê o envelope ao sargento», disse ele. «Livre-se disso. É o melhor que você faz.»

### Critério duplo

SERPICO deu o dinheiro ao sargento, que o aceitou agradecido. Três meses depois, Serpico foi inesperadamente transferido para a 7.<sup>a</sup> Divisão, no Bronx. Nunca pôde saber se isso tinha sido uma nomeação ao acaso, surgida da burocracia normal do departamento, ou se fora uma manobra para afastá-lo do 90.<sup>o</sup> Distrito.

Receando encontrar as mesmas condições de corrupção no novo posto, procurou se aconselhar com um experimentado capitão do departamento. Depois de olhar em volta, o capitão disse que a 7.<sup>a</sup> Divisão, para

onde o tinham mandado, era «tão limpa como um pau de galinheiro».

Serpico entrou para a divisão em meados de dezembro de 1966 e, no segundo dia do novo ano, ele e outro civil, Robert Stanard, foram atender juntos a uma queixa. Serpico conhecia Stanard de seu tempo no Brooklyn. A queixa se referia a um homem que recebia apostas para os jogos decisivos de futebol, num bar local. Enquanto Serpico observava, o homem lhes ofereceu cem dólares para cada um, se o deixassem em paz. Quando Stanard insistiu em que todos os jogadores haviam sido avisados para que se afastassem daquele bar, o homem aumentou o suborno para quatrocentos dólares. Neste ponto, Stanard ofereceu ao homem «uma penalidade leve» — uma prisão cujo depoimento fosse preparado de tal forma que o advogado de defesa poderia encerrar logo o processo.

Serpico se afastou dos dois homens. Não queria saber o que estava acontecendo e, mais tarde, na delegacia, deixou Stanard cuidar do registro do delinqüente. Na manhã seguinte, Stanard lhe deu cem dólares. «Ele só me deu duzentos, porque eu o prendi», explicou.

Serpico recusou o dinheiro.

Stanard olhou para ele pensativo. «Vamos dar uma volta», disse ele. «Quero falar com você.»

Ao atravessarem as ruas do gueto, Stanard falou sobre seus tempos no Brooklyn, e então contou a Serpico abertamente sobre o «amortecedor» do Bronx, como

eram chamadas as recompensas sistemáticas à polícia. Presentemente, ia a oitocentos dólares por mês, para cada policial civil.

«Você topa ou não?», perguntou Stanard, aparentemente interessado.

«Não me importa o que vocês façam», respondeu Serpico, «contanto que eu não me meta em encrencas.» Esta resposta pareceu agradar a Stanard.

Naquela noite, Serpico telefonou para o Cap. Cornelius Behan, o homem que dera a informação de que a 7.<sup>a</sup> Divisão era «limpa». Quando Serpico lhe disse o que havia acontecido, Behan exclamou: «Oh, meu Deus!» Os dois combinaram um encontro e, algumas noites depois, numa esquina escura de Manhattan, Serpico discutiu cautelosamente a situação com ele. O Sistema é que era corrupto, disse Serpico, e teria de ser mudado para que os policiais honestos pudessem agir efetivamente. Behan concordou, e contou a Serpico que já entrara em contato com gente do gabinete do Comissário Walsh.

Satisfeito com isto, Serpico começou a trabalhar com o companheiro que lhe haviam designado, Carmello (Gil) Zumatto, um policial à paisana, corpulento, de cara redonda.

A vida do policial civil na 7.<sup>a</sup> Divisão era muito calma. Os homens assinavam o ponto, depois passavam uma hora de lazer na sala do café, e costumavam ir a um cinema, à tarde. Alguns deles moravam em bairros residenciais fora do Bronx;

muitos tinham piscina em casa e, na primavera e verão, passavam suas tardes agradavelmente, na casa de um ou de outro, jogando cartas, entre os mergulhos. Tinham apenas que telefonar regularmente para o escritório e assim, de vez em quando, ao lado da piscina ou jogando bilhar na sala dos fundos de um bar, um deles dizia: «Hei, alguém telefonou para o escritório? É melhor ligar para eles.»

Como Serpico logo observou, a função principal dos policiais da divisão era proteger todo o sistema de suborno, enquanto serviam seus clientes estelionatários. A principal medida era fazer o menor número de prisões a serem registradas, sempre que uma queixa sobre atividades ilegais fosse levada à divisão.

Um dia, Gil Zumatto disse: «Vamos, tenho de controlar uma coisa que me interessa muito.»

Uma senhora, no gueto, tinha avisado que havia jogo às claras na vizinhança, e estava com receio de que seu filho adolescente fosse induzido a se tornar agente de jogo, baseado na loteria, transmitindo, aceitando a pagando as apostas — o posto mais baixo nesse jogo ilegal. O jogo de números é basicamente um jogo de pobre (como o «jogo do bicho»), mas centenas de milhões de dólares, por ano, são extorquidos deste modo nas áreas do gueto.

Quando Serpico e Zumatto chegaram ao lugar citado pela queixa da mulher, não demorou muito

para que localizassem o «bicheiro» local. Ele se movimentava, indo de um lugar para o outro: um beco, um cortiço, uma loja de doces. «Vamos pegá-lo», disse Zumatto. Havia em poder do homem suficientes bilhetes de apostas e dinheiro para caracterizar rigorosamente uma prisão por crime (de acordo com a legislação norte-americana). O «bicheiro» ficou espantado: «Qual é o problema?», indagou. «Somos amigos da divisão.»

«Recebemos uma queixa do quartel-general», disse Zumatto. «Temos de fazer alguma coisa.»

«Compreendo, mas estou perdendo dinheiro falando com vocês. Esta é a melhor hora, vocês sabem. Que tal encontrá-los em frente à delegacia do distrito às quatro e meia? Que tal?»

Zumatto sorriu. «Está bem. Quatro e meia, lembre-se.»

O incidente se deu no 42.º Distrito e, mais tarde, no mesmo dia, Zumatto levou Serpico para um bar chamado Piccadilly, do lado oposto à delegacia. Zumatto perguntou-lhe se desejava «registrar o fato». Serpico disse que não. Então, Zumatto olhou ao seu redor, localizou outro civil, e ofereceu-o a ele. Este ficou encantado em recebê-lo, e todos se transferiram para a calçada em frente à delegacia. Às quatro e meia em ponto, o contraventor chegou, sorrindo, e segurando um punhado de bilhetes, o suficiente apenas para uma prisão por contravenção. O terceiro policial civil levou o homem para dentro e fichou-o. O processo

foi encerrado no dia seguinte no tribunal, mas, se alguém examinasse o registro, veria que a queixa fora investigada, e uma prisão feita.

Serpico ouviu muitas explicações para esta espécie de crime, desde a teoria de que as pessoas iriam jogar de qualquer maneira, até a que afirmava que o trabalho de um policial era ingrato. Mas Serpico não podia ignorar o colapso geral que tal corrupção forjava na eficácia da polícia. Não havia um garoto no gueto que não soubesse do que se passava. Entretanto, sempre que Serpico pegava um jornal ou ligava a televisão, algum político estava falando sobre o declínio da lei e da ordem. O critério duplo era óbvio, mas era o que Frank Serpico tinha de enfrentar pessoalmente todas as vezes em que saía à rua.

### «Não posso pensar nisso»

TRÊS SEMANAS depois de seu primeiro encontro, o Capitão Behan avisou Serpico de que tinha falado com o Comissário Walsh sobre as condições em que Serpico havia encontrado a 7.ª Divisão. Walsh ficou satisfeito em saber que um «homem de integridade havia aparecido.»

Behan falara também sobre transferir Serpico da divisão para um esquadrão contra a corrupção. Mas Walsh fora contra: ele «preferia» deixá-lo onde estava, para dar mais informações.

Esta parte da mensagem de Behan deixou Serpico constrangido. Ele

não gostava de ser posto numa espécie de limbo, sem nenhum posto oficial de investigação. Estava especialmente preocupado em saber por quanto tempo poderia evitar as suspeitas dos outros policiais civis da 7.<sup>a</sup> Divisão.

Na ocasião, apenas seu companheiro Zumatto sabia que ele não estava recebendo dinheiro do suborno. Zumatto tinha lhe perguntado no primeiro dia como ele se sentia «a respeito do dinheiro», e Serpico respondera: «Não me importa o que vocês façam, contanto que eu não me meta em encrencas.»

«Não se preocupe com isso», dissera então Zumatto. «Tomo conta da sua parte, e guardo para você. Quando quiser, estará lá.»

Zumatto podia fazer isso porque era um dos «receptadores», pessoa que coletava e distribuía o dinheiro ilícito na divisão, recebendo as recompensas duas vezes por mês e tratando da distribuição.

Durante todo o inverno, Serpico esperou algum aviso do Comissário Walsh, ou alguma orientação sobre como proceder. Não recebeu nenhum. Então, em meados de abril, a posição de Serpico na divisão tornou-se muito mais arriscada. «Frank», disse Zumatto, «vou ser transferido.»

Serpico relatou isto a Behan, que lhe disse estar planejando uma conferência com Walsh no dia imediato. A seguir, informou que o Comissário Walsh ficara extremamente satisfeito com as informações dadas por Serpico, e disse também que ele iria lhe «estender a mão».

«Quando?», Serpico quis saber.

Diante disso, a voz de Behan assumiu um tom de aborrecimento. Ele havia feito «tudo o que podia», disse, e todo o negócio estava agora fora de sua alçada. Não tinha condições de fazer mais.

Serpico estava aturdido. A despeito de sua impaciência em não ter se encontrado com Walsh, consolava-o a idéia de que, afinal, era um simples policial, mas que Behan, um capitão, estava agindo em seu interesse junto ao primeiro comissário substituto. Tinha presumido que eles sabiam o que estavam fazendo e que, eventualmente, receberia instruções quanto a suas atitudes futuras na 7.<sup>a</sup> Divisão.

Agora, aquela esperança parecia ter desaparecido. Sentia que estava metido num terrível círculo vicioso.

Zumatto foi transferido a 25 de maio, e Serpico recebeu como companheiro um elemento veterano da 7.<sup>a</sup> Divisão, que também substituiu Zumatto como um dos receptadores. No começo de junho, fez sua primeira coleta, junto com Serpico, e, no fim do dia, tentou dar a Serpico sua parte. Serpico disse-lhe que não estava entrando na divisão do suborno. Zumatto concordou, e guardou o dinheiro integralmente para ele.

O companheiro de Serpico voltou espantado para o escritório da divisão, com o rosto pálido. A notícia se espalhou depressa entre os policiais civis, e Stanard rapidamente anunciou que iria marcar uma reunião para o dia seguinte.

«Você esteja lá», disse a Serpico.

Serpico ficou algo confuso com o local que Stanard escolheu para a reunião. Em vez de ser na sala de fundos de um bar, ou num motel retirado, era na rua, num pequeno parque triangular e sombreado, do lado oposto ao Tribunal do Júri, no Bronx. Ali estavam eles sob uma árvore (cerca de metade dos policiais civis da divisão, inclusive um tenente) discutindo abertamente o suborno, enquanto uma parada de juizes, policiais, advogados, assistentes de promotores, repórteres e cidadãos comuns transitava por ali.

Serpico estava preparado para ser alvo de acusações, tachado de espião do quartel-general. Mas todos os ataques, no que diziam, estavam dirigidos a Zumatto por receber um quinhão duplo. «Aquele trapaçeiro miserável», disse um deles. «Era o meu dinheiro que ele estava roubando.»

Stanard tentava acalmar todo mundo. A razão por que havia reunido todos, disse, era para terem a certeza de que a trapaça de Zumatto não se iria repetir. Em vez de apenas três receptadores recolherem as recompensas, propôs que todos os policiais civis participassem da coleta. «Quem não fizer nenhuma repressão», disse ele, «não recebe nada.»

Então tentou persuadir Serpico a aceitar sua parte do suborno. Serpico recusou resolutamente. «Bem, está certo, então vai ser assim», disse Stanard, dirigindo-se ao grupo. «Quem estiver trabalhando

com Frank paga o almoço dele e coisas assim.» Serpico teve medo de levantar novas suspeitas, e não protestou.

Quando se separaram, depois da reunião, um dos policiais civis saiu caminhando com Serpico, e sugeriu que parassem num bar para tomar uma cerveja.

«Frank», indagou, «por que você não recebe o dinheiro?»

«Não preciso dele», retrucou Serpico. «Por que haveria de recebê-lo?» «Bem, faria com que todos se sentissem melhor.»

«Por que diabos você recebe?», perguntou Serpico.

O policial ficou vermelho. Começou a falar apaixonadamente sobre sua infância de miséria. «Ninguém nunca me deu nada. Por isso estou topando. Topo qualquer coisa!»

«Você é um policial, por Deus!», disse Serpico zangado. «Sabe o que isso significa? Já parou para pensar no que está fazendo? Alguma vez já se deitou à noite, e pensou nisso?»

O policial desviou o olhar. «Não», respondeu finalmente. «Não posso pensar nisso. Eu tiraria o revólver e estouraria os miolos.»

### Negócios como de costume

A DESPEITO da recusa do Capitão Behan, Serpico estava decidido a levar ao conhecimento de seus superiores aquilo que sabia. Durante a primavera de 1967, continuara a se encontrar com David Durk, uma vez ou outra, e Durk sugeriu que ele contasse sua história a um

conhecido seu, Jay Kriegel, membro do quadro de assessores do Prefeito Lindsay.

Serpico gostou da idéia. Compreendera finalmente que o Departamento Policial era incapaz de agir por si próprio. Oficiais superiores, que haviam levado vinte anos a galgar as fileiras, tinham visto a corrupção em seu caminho e nada fizeram a respeito disso, estando tão comprometidos que isso eliminava a possibilidade de qualquer alteração. Se houvesse mudanças teriam de ser acionadas de fora, e Kriegel parecia um catalisador ideal: uma de suas responsabilidades diretas, como componente do quadro de assessores do prefeito, era o Departamento Policial.

A audiência foi combinada e, sob o estímulo de Durk, Serpico começou uma exposição de duas horas sobre tudo o que havia acontecido. Disse que, segundo sabia, todo policial civil da divisão estava recebendo suborno, estando implicados também um tenente, ou talvez dois. Tinha certeza de que homens de patentes mais altas também estavam levando «bola», mas era difícil dizer até onde chegava a corrupção. A única maneira de determinar sua extensão seria através de uma ampla investigação, usando todos os recursos do departamento: câmaras, vigilância, espões.

Kriegel tomou nota de tudo, e disse que falaria ao prefeito. Mas, vários dias depois, Durk foi ao apartamento de Serpico com a notícia de que nada seria feito.

Mais uma tentativa de interessar um alto funcionário da polícia foi feita, mas também não deu em nada. O homem ouviu a história de Serpico e decidiu definitivamente que ele era um psicopata.

Durante o verão de 1967, os «negócios» continuaram como de costume na 7.<sup>a</sup> Divisão. Stanard e os outros policiais civis coletavam regularmente os pagamentos das operações de jogo que protegiam. No fim de cada mês, a arrecadação era dividida entre eles. Serpico continuava em seu caminho, prendendo jogadores, estivessem ou não pagando suborno, e a divergência entre ele e os outros policiais aumentava. Piadas que ouvia frequentemente, insinuando que ele era provavelmente um espião, começaram a ficar cada vez mais ferinas.

Finalmente, a 1.<sup>o</sup> de outubro, num momento de desespero, impulsivamente, pegou o telefone e ligou para o Capitão Behan. Disse-lhe que já lutara contra a corrupção como pudera, e que se isso significasse voltar a vestir o uniforme estava bem, no que lhe dizia respeito. Em todo esse tempo, disse ele, não ouvira um pio do Primeiro Comissário Substituto Walsh.

Então, Serpico pronunciou duas frases que mudariam tudo. «Capitão», disse ele. «Acho que, só para ser franco, desejo lhe dizer que tenho falado com gente de fora, e irei mais longe, se for preciso.»

O sobressalto na voz de Behan foi imediato. «Gente de fora!»,

exclamou. «Frank, você pode se dar mal com isso. É contra o regulamento. Podemos lavar nossa roupa suja em casa.»

«Sei disso, era o que eu pensava», disse Serpico, com ironia. «Mas não penso mais.»

Os esforços de Behan para manter sua compostura eram evidentes através do telefone. Finalmente, instou com Serpico para que não fizesse nada precipitadamente.

O resultado do telefonema de Serpico foi que três altas autoridades da 7.<sup>a</sup> Divisão foram informadas de suas descobertas. Em seguimento, interrogaram Serpico e, finalmente, levaram suas informações ao Comissário Walsh. Este os ouviu e entregou-lhes o caso.

Era uma situação difícil. Os oficiais estavam investigando sua própria divisão, e isto era quase impossível. Serpico forneceu os nomes de certos policiais civis e de 36 «pontos» que estavam pagando suborno, mas era difícil de obter uma prova concreta dos pagamentos.

De fato, a investigação praticamente inexistiu. Foi limitada tanto nos meios como na esfera de ação e, enquanto se arrastava, a probabilidade de fracassar aumentava a cada dia. Nenhum dos jogadores falava; ninguém cooperava.

Então, a investigação teve um momento de sorte. A 30 de março de 1968, Serpico e dois policiais fizeram uma batida numa mercearia, e deram um flagrante numa operação de jogo. No interrogatório, a mulher do proprietário da mercearia con-

fessou que o marido tinha pago regularmente à polícia, e isto implicou bom número de policiais civis. O pagamento mensal, deste «ponto» apenas, totalizava 1.650 dólares. Em maio de 1968, depois de serem obtidas outras declarações, o caso foi entregue ao Promotor Burton Roberts, do Distrito do Bronx.

Roberts, um ruivo atarracado, logo percebeu que o processo dependia de Serpico. Condenar policiais com folhas de serviço impolutas, com as declarações de testemunhas de antecedentes duvidosos, seria quase impossível. Se quisesse um processo, Serpico teria de testemunhar ante um comitê de investigação.

Serpico explodiu. Tudo aquilo era uma farsa, disse. Ele se colocara em risco, pensando que haveria uma extensa investigação para limpar o Departamento Policial. «E o que sucede?», indagava amargamente. «Tudo o que pegam são uns policiais fracassados.»

«Você», disse Roberts, «pode virar a coisa toda.» Então, com o ar teatral pelo qual era conhecido, pintou um retrato majestoso da justiça triunfante. Com o auxílio de Serpico, o comitê de investigações esquadriharia implacavelmente a corrupção da polícia, onde ela se ocultasse. «Depois do Bronx», declarou ele, «viriam Manhattan, Brooklyn, Queens!» Finalmente, Serpico concordou.

A notícia de que um comitê de investigação havia sido convocado para examinar a corrupção da polícia se espalhou pela 7.<sup>a</sup> Divisão, e

muita gente interrogou Serpico a respeito. Um dos homens da divisão lhe disse: «Isto deve ser sério. Muita gente pode se machucar. Inclusive você.»

«Que quer dizer com isso?»

«Pense no caso», foi a resposta.

No dia seguinte, Serpico foi a uma loja de armas em Manhattan, e comprou uma pistola Browning automática, de quatorze tiros e calibre nove milímetros. Era segura, precisa, compacta... e fora do regulamento da polícia. Mas esta era a menor de suas preocupações.

### A recompensa da honestidade

O COMITÊ de investigações se reuniu durante o verão e o outono de 1968 e, finalmente, agiu. Para desânimo de Serpico, só oito policiais de categoria inferior foram pronunciados. Nada foi dito ou feito quanto aos oficiais superiores, ou sobre o Sistema. A corrupção continuaria como se ele nunca tivesse existido.

Nesse meio-tempo, Serpico tinha sido transferido da 7.<sup>a</sup> Divisão para a zona norte de Manhattan, o Harlem. A mudança fez pouca diferença para ele; no que dizia respeito a outros policiais, eles pouco estavam ligando que Serpico batesse «a sineta dos leprosos».

Quase imediatamente, foi destacado para dar serviço em Times Square e imediações, perseguindo e prendendo prostitutas. Era um trabalho desagradável e por todos detestado. Entretanto, quando

voltou para o Harlem, tinha havido uma mudança na chefia. O novo comandante era o Inspetor Paul Delise, um homem com a reputação de ser tão honesto que outros policiais o chamavam de «São Paulo».

Ele deu as boas-vindas a Serpico, que vinha servir sob seu comando. «Você é um crédito para o Departamento, e tem um bocado de coragem», disse Delise. Serpico mal podia acreditar.

Delise perguntou a Serpico se havia alguém na unidade com quem gostaria de trabalhar. Serpico riu sem jeito, e disse: «O caso é: quem quer trabalhar comigo?»

«Muito bem, eu quero», respondeu Delise. E assim fez. Era coisa rara um oficial da categoria e da idade (cinquenta anos) de Delise subindo os telhados, insinuando-se por becos e pulando cercas de quintais, mas Delise fazia isso com Serpico, e parecia gostar. «Sinto-me como um policial de novo», dizia ele.

Trabalharam juntos durante grande parte da primavera e verão de 1969, e Serpico recordava isto como o melhor tempo que passou na polícia. Com freqüência, discutiam a possibilidade de corrupção na zona norte de Manhattan, mas os seus nomes eram demasiadamente conhecidos para lhes permitir uma aproximação com o resto dos policiais. Só gradativamente puderam juntar os indícios e insinuações de que também no Harlem havia suborno. O máximo que Serpico pôde obter de seus informantes foi que uma «agência de

coleta», de policiais reformados, fazia a arrecadação, de modo que nenhum dos policiais da ativa ficasse envolvido. Isolado em seu próprio comando, Delise pouco podia fazer. Um pedido de auxílio nas investigações, dirigido às autoridades superiores, não foi atendido.

Enquanto isso, Stanard e outros da 7.<sup>a</sup> Divisão foram designados para ir a julgamento e, relutantemente, Serpico concordou em testemunhar contra eles. Tal testemunho completaria seu ostracismo. Teria valido a pena se ele pudesse mudar a situação, mas já não tinha ilusões de que suas provas conseguissem algo mais do que trancafiar dois ou três policiais. Desalentado, disse a David Durk como se sentia. Havia centenas, ou milhares, de policiais honestos lá fora, à procura apenas de um pouco de estímulo, e não estavam recebendo nenhum.

Durk respondeu que tinha a solução perfeita. Possuía contatos no jornal *New York Times*. Procurariam o jornal e poriam tudo às claras. A princípio, Serpico rejeitou a idéia. Já conhecia suficientemente os projetos de Durk. Além disso, era muito pouco provável que o *Times* tomasse qualquer atitude pelas informações de dois policiais da patente deles. Mas, então, pensou em outra coisa. E se um inspetor em exercício, como Paul Delise, o acompanhasse ao *Times* e confirmasse a história?

Delise tinha muito mais a perder do que Serpico: vinte anos de serviço, mulher e filhos, e uma

casa hipotecada para ser paga. Por que iria arriscar tudo isso? Mas o que Delise disse foi: «Faça o que tem a fazer. Eu o apoiarei cem por cento.»

Serpico, Delise e outro policial foram ao *Times*, a 12 de fevereiro de 1970, e diversos redatores ouviram fascinados o que eles tinham a contar. A 22 de abril, numa «indiscrição» habilmente preparada, chegou ao gabinete do prefeito a informação de que o *New York Times* estava fazendo uma reportagem arrasadora sobre a corrupção na polícia. Uma série de conferências se seguiram às pressas com o Prefeito Lindsay, o Chefe de Polícia Howard Leary e outras autoridades. Ficou decidido que se antecipariam ao *Times* e, no dia seguinte, o prefeito anunciou a formação de um comitê para investigar possibilidades de corrupção policial na cidade.

O *Times* publicou sua reportagem a 25 de abril, sob a manchete de primeira página:

SUBORNO PAGO À POLÍCIA  
VAI A MILHÕES DE DÓLARES

A história fez sensação. O Prefeito Lindsay respondeu com uma declaração, mostrando que tudo estava sob controle. O Chefe de Polícia Leary acusou o jornal de táticas de difamação, e disse que o *Times* baseava sua exposição na palavra de elementos duvidosos, como «prostitutas, viciados em narcóticos, jogadores e policiais descontentes».

No meio da confusão que se seguiu à reportagem, uma coisa estava clara para Frank Serpico: ele seria a testemunha-chave no julgamento de Robert Stanard. Foi depor a 18 de junho de 1970. Não sentiu qualquer emoção: Para surpresa de Serpico, Stanard parecia exatamente um criminoso comum. Negou tudo que Serpico descreveu como suborno, mas, a 30 de junho, Stanard foi considerado culpado de perjúrio, e recebeu uma sentença de um a três anos. Está agora apelando dessa sentença, por considerá-la injusta.

No dia seguinte ao do veredito, o Promotor Roberts enviou uma carta ao Chefe de Polícia Howard Leary, louvando a «alta coragem moral» do patrulheiro Frank Serpico. Ele exprimiu a esperança de que Leary visse os fatos «com clareza», e o premiasse com o distintivo de detetive, acrescentando que isto poderia «encorajar outros a se apresentarem».

Roberts enviou uma carta semelhante ao Perfeito Lindsay, e esperou em vão por uma resposta, dele ou de Leary. Finalmente, a 28 de junho, numa breve mensagem enviada a Serpico, o perfeito acusou o recebimento da carta, dizendo que «o Promotor Burton Roberts, do Bronx, me escreveu, elogiando sua cooperação na recente investigação e julgamento realizado por seu Departamento. Sei que todos os nova-iorquinos apreciam profundamente a coragem moral que o senhor demonstrou.»

Não houve qualquer resposta de Leary e, finalmente, Roberts lhe telefonou, mencionando novamente a promoção a detetive.

«Ele é um psicopata!», retrucou Leary, parecendo muito contrariado.

«Pois, quanto a mim, acho que ele merece bem essa promoção.»

Houve uma pausa, e então Leary disse: «Não, enquanto eu for Chefe de Polícia.»

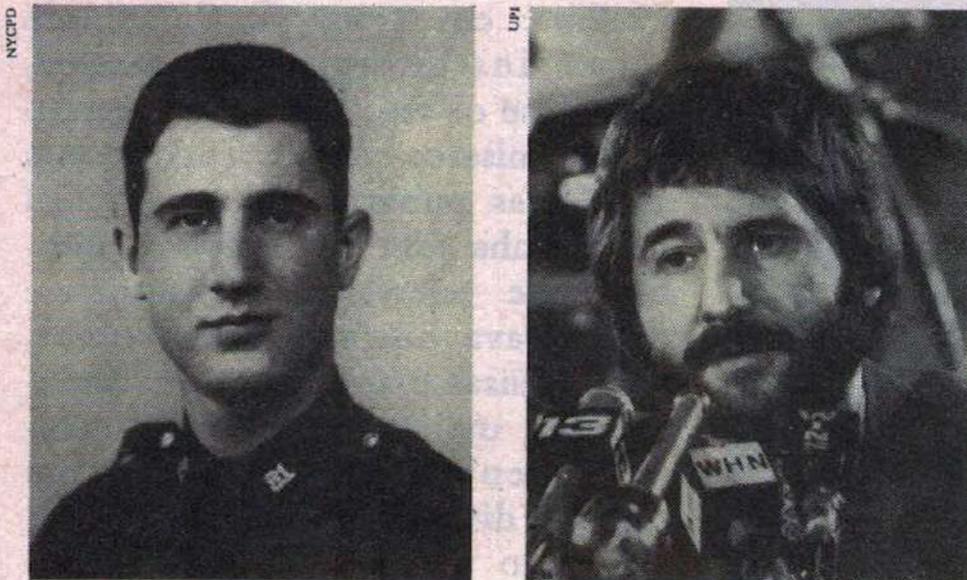
### Tudo o que ele sempre quis

DEPOIS DA condenação de Stanard, Zumatto e alguns outros policiais tiveram permissão para se considerarem culpados de acusações menores e receberem sentenças em suspensão, sob a condição de se demitirem imediatamente da força policial. Houve outros julgamentos, algumas condenações, algumas exonerações, todas praticamente envolvendo homens em postos baixos. Mas, para Serpico, parecia estar tudo acabado, e cismava sobre o pouco que realmente havia conseguido.

Serpico fora transferido para a Seção de Narcóticos, no sul do Brooklyn, ainda com seu distintivo de patrulheiro. Ele teria mandado tudo para o inferno e se demitido, mas o Inspetor Delise instou para que permanecesse, para ver o que sucederia sob a chefia do Comissário Murphy.

E então, na noite de 3 de fevereiro, Serpico foi ferido.

PASSOU seis semanas no hospital. Do lado de fora da porta de seu



*Frank Serpico, no início da carreira (1960) e testemunhando ante a Comissão Knapp*

quarto, um policial ficava de guarda 24 horas por dia. Todos tinham ordens de não falar com ele. Ele era um «rato», um delator. Mas, em pouco tempo, alguns guardas mais moços já falavam com ele e, inevitavelmente, a conversa se encaminhava para a corrupção.

Um dia, enquanto falava com o guarda, entrou uma enfermeira. Ele continuou a falar, e o policial corou, pondo um dedo sobre os lábios para avisar. Serpico ignorou-o, e continuou a falar.

«Você não devia fazer coisas assim diante das pessoas», disse o policial, quando a enfermeira saiu. «Elas poderão ter uma impressão má.»

Este era o xis do problema, pensou Serpico. Mesmo guardas novos, e um tanto rebeldes, agaravam-se à noção de que era uma questão de «nós» contra «eles». Os policiais pareciam não se julgar parte da comunidade. Muitos haviam se isolado, não apenas profissional-

mente, mas também socialmente. Acreditavam que havia um antagonismo público geral contra eles, e isso acabou criando o conceito de «ladados», irreconciliáveis entre si.

No fim de fevereiro, Serpico foi promovido. O distintivo de ouro de detetive era finalmente seu — mas

ele não o desejava mais. Naquela noite, frustrado, com raiva e tristeza, Serpico chorou pela primeira vez depois de adulto.

Deixou o hospital a 15 de março, num carro da polícia com placa particular. Como resultado do ferimento, estava permanentemente surdo do ouvido esquerdo. Durante toda a primavera e verão, continuou convalescendo em seu apartamento do Greenwich Village. Então, no outono, saiu de férias. Enquanto isso, a Comissão Knapp trabalhava e, quando Serpico voltou à cidade, o Presidente Knapp anunciou que suas sessões secretas haviam terminado, e que estavam prontos para as audiências públicas.

Serpico tinha trabalhado com a Comissão, e parecia que, mais uma vez, teria de suportar o impacto de ser obrigado a testemunhar. Então, um agente da Comissão apanhou um detetive desonesto, William Phillips, no ato de extorsão.

Phillips, em troca de imunidade contra instauração de processo, tornou-se de fato um agente secreto da Comissão. Mais tarde, nas audiências públicas, foi a principal testemunha para um fascinado auditório de televisão, enquanto ele desenrolava histórias de subornos, recompensas e «gorjetas» que montavam a milhões de dólares anualmente, envolvendo praticamente todas as divisões policiais da cidade.

Serpico também testemunhou, contando, simples e diretamente, a história de sua solitária odisséia para combater a corrupção. Depois, leu uma declaração curta, falando de sua preocupação sobre milhares de policiais comuns que queriam ser honestos. Dizia, em parte:

«Espero que os policiais do futuro não tenham de experimentar a mesma frustração e ansiedade a que me submeti nos últimos cinco anos, nas mãos de meus superiores. Fizeram-me sentir que eu os tinha sobrecarregado com uma tarefa indesejável. Não existe ainda ambiente para que um policial honesto possa agir sem medo de represálias de seus companheiros.

«Espero que esta investigação, e quaisquer outras no futuro, tratem da corrupção em todos os níveis dentro do departamento, e não se limitem a casos que envolvam patrulheiros individuais. A corrupção na polícia não pode existir, a não ser que seja tolerada pelas altas autoridades do depar-

## O Presente «Vintage» MR

Num ano bom, tudo tem de ser perfeito. Raramente um instrumento de escrita foi desenhado tão perfeitamente como a «Vintage» da Sheaffer. Em prata sterling ou banhada a ouro de 12 quilates. Acabamento antique. Qualidade «Ponto Branco». Esferográfica e lapiseira «Vintage» da Sheaffer. Para quem você quer impressionar.

# SHEAFFER®

o artesão orgulhoso

SHEAFFER. WORLDWIDE. GRUPO **textron**



# Europa no Outono

É a estação das coisas importantes... das grandes estréias... das mais ricas coleções de modas. Os museus se tornam mais acolhedores e mais procurados pelo autêntico «connaisseur». A vida se concentra nos famosos restaurantes... e as paisagens adquirem aquela luz que já inspirou tantas obras-primas!

IBÉRIA, a grande companhia de aviação européia, possui profundos conhecimentos e informações sobre tudo que há para ver no outono... na Europa. Portanto, ponha-se a sonhar e a compor, a seu gosto, esta viagem tão esperada. Consulte seu agente de viagens, e verá que, com a IBÉRIA, você tem inúmeras possibilidades de escolha. É o que chamamos de «atenção personalizada». E você poderá senti-la a partir do próprio momento em que entrar em contato conosco. Como todos os nossos vôos intercontinentais «têm» que passar pela Espanha, você entrará no outono europeu pelo mais tênue e belo de todos... o outono da Espanha... pela IBÉRIA!

**IBERIA**

**põe asas em seus sonhos**

**IBERIA LINHAS AÉREAS  
INTERNACIONAIS DA ESPANHA**

234 AGÊNCIAS EM 50 PAÍSES

tamento. Portanto, o resultado mais importante que pode vir destas audiências é a convicção dos policiais, ainda mais do que do público, de que o departamento mudará.»

DURANTE todo o inverno, Serpico permaneceu em licença por doença, conjecturando sozinho sobre seu futuro como agente da polícia, percebendo o ódio encoberto do sistema policial, sabendo que permanecería um pária para sempre. Por fim, resolveu deixar a polícia.

A 13 de junho de 1972, quase cinco anos depois de Serpico ter informado pela primeira vez o Cap. Phillip Foran, este foi a julgamento para fazer falsas declarações a respeito do envelope com os trezentos dólares. Tanto Serpico quanto Durk testemunharam contra ele, e Foran, que continuava a negar suas acusações, foi considerado culpado por mentir. Seu castigo foi um leve tapinha: trinta dias de suspensão sem pagamento. (Está agora apelando desta decisão.)

Nesta ocasião, Serpico havia terminado oficialmente sua carreira policial. Saiu com uma pensão por invalidez e uma licença para sua Browning automática. Decidiu deixar o país durante algum tempo, para pôr em ordem sua vida abalada. Aos 36 anos, sentia que ainda podia contribuir de alguma forma.

Quando saía do quartel-general da polícia, com seus papéis, outro policial se dirigiu a ele, e disse muito sério: «Hei, Frank, acha que

realmente mudou alguma coisa? Pensa que as coisas serão diferentes?»

«Não sei», respondeu Serpico. «Fiz apenas o que tinha a fazer.»

Tudo o que Frank Serpico sempre desejou foi ser um bom policial. Talvez tenha sido este o problema: ele desejava isso demais.

A estimativa de Serpico de sua eficácia demonstrou ter sido muito branda. Suas denúncias podem ser consideradas como um catalisador nos esforços recentes de controlar a corrupção no departamento policial da cidade de Nova York. Não só todo o alto comando foi substituído, como mais de trinta oficiais, de capitão para cima, se demitiram no departamento «sob pressão». Treze oficiais ao nível de inspetores foram rebaixados, e cerca de 1.750 homens, de sargento para cima, receberam outras designações.

Num novo conceito de «responsabilidade», que tornou os oficiais superiores diretamente responsáveis pelas ações de seus homens, sete comandantes de distritos foram relegados a postos mais baixos; e, numa «limpeza de casa» sem precedentes, 25 homens, de capitão a inspetor-chefe substituto, foram a julgamento num período de dois anos, desde que a denúncia foi feita.

Talvez o resultado de maior alcance do inquérito oficial sobre a corrupção da polícia, desencadeado pelas revelações de Serpico, tenha sido a nomeação de um promotor especial do Estado, no outono do

ano passado, para tratar da corrupção em todos os níveis do processo de justiça criminal da cidade, inclusive juízes e advogados.

Ao anunciar a nomeação de Maurice Nadjari, o Governador Nelson Rockefeller fez esta declaração: «Uma ação firme e decisiva por parte do Estado é essencial, se se quiser corrigir as condições que foram expostas, se se quiser terminar as reformas iniciadas, e restaurar a confiança do público.»

A corrupção, entretanto, continua vindo à tona no departamento policial. Vinte e quatro elementos da 13.<sup>a</sup> Divisão no Brooklyn (a mesma divisão que tentou a princípio subornar Serpico) foram condenados por receberem 250 mil dólares anualmente de recompensas de jogadores; um microfone colocado num ponto de reunião da Máfia implicou mais de cem policiais ao todo; e heroína confiscada, no valor de 73 milhões de dólares, desapareceu de uma das dependências do almoxarifado, no departamento policial da cidade de Nova York.

Se estes novos escândalos são apenas sintomas de um sistema imutável, ou se refletem a crescente vigilância contra a corrupção, é o que resta saber. Uma coisa, porém, é certa. Frank Serpico demonstrou o que pode fazer um homem sozinho, se estiver decidido, e se tiver coragem suficiente para lutar por aquilo que acredita ser o objetivo de um policial honesto.

(Tradução de **Marília Leite**)